

Copyright da tradução © 2011
by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volumes I, XIII e XIV (Londres: Imago, 1952, 1940 e 1955). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe* (Frankfurt: Fischer, 2000).

Capa e projeto gráfico
warrakloureiro

Imagens das pp. 3 e 4: obras da coleção pessoal de Freud
Jarro com Édipo e a Esfinge, Atenas, séc. IV a.C., 22,8cm
Retrato para uma múmia, Egito, período romano, séc. III, 34×23cm
Freud Museum, Londres

Preparação
Célia Euvaldo

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Jane Pessoa
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939.

Obras completas, volume 16 : O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Título original: *Gesammelte Werke e Studienausgabe*
ISBN 978-85-359-1872-4

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia 4. Psicoterapia
I. Título.

11-04070

CDD-150.1954

Índice para catálogo sistemático:

1. Freud: Sigmund, Obras completas: Psicologia analítica 150.1954

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

A PERDA DA REALIDADE NA NEUROSE E NA PSICOSE (1924)

TÍTULO ORIGINAL: "DER REALITÄTSVERLUST BEI NEUROSE UND PSYCHOSE". PUBLICADO PRIMEIRAMENTE EM INTERNATIONALE ZEITSCHRIFT FÜR PSYCHANALYSE [REVISTA INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE], V. 11, N. 4, PP. 401-10. TRADUZIDO DE GESAMMELTE WERKE XIII, PP. 363-8; TAMBÉM SE ACHA EM STUDIENAUSSGABE III, PP. 355-61.

A PERDA DA REALIDADE NA NEUROSE E NA PSICOSE

Recentemente¹ apontei, como um dos traços que distinguem a neurose da psicose, que na primeira o Eu, em sua dependência da realidade, reprime uma parte do Id (da vida instintual), enquanto na psicose o mesmo Eu, a serviço do Id, retira-se de uma parte da realidade. Para a neurose, então, o fator decisivo seria a influência preponderante da realidade, para a psicose, a influência do Id. A perda da realidade já estaria na psicose desde o início; na neurose, parece, ela seria evitada.

Mas isso não condiz em absoluto com o que todos nós podemos saber por experiência: que toda neurose perturba de algum modo a relação do doente com a realidade, que é um meio para ele retirar-se desta, e, em suas formas graves, significa diretamente uma fuga da vida real. Essa contradição dá o que pensar, mas não é difícil eliminá-la, e seu esclarecimento ajudará em nossa compreensão da neurose.

A contradição existe apenas enquanto temos em vista a situação do início da neurose, na qual o Eu, a serviço da realidade, efetua a repressão de um impulso instintual. Mas isto não é ainda a neurose mesma. Ela consiste antes nos processos que trazem compensação para a parte prejudicada do Id, ou seja, na reação à repressão e no malogro desta. O afrouxamento da relação com a realidade é consequência deste segundo estágio na formação da neurose, e não nos surpreenderia se um exame detalhado mostrasse que a perda da realidade

Como se do Id e do Ego, para o mal do sistema, para a fuga da realidade!
neurose e malogro da repressão

¹ "Neurose e psicose", Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse X (1924), Caderno I.

Deixar momentos de fuga e nos (con)te-los

afeta justamente a porção da realidade por cujas exigências produziu-se a repressão instintual.

A caracterização da neurose como resultado de uma repressão malograda não é coisa nova. Sempre afirmamos isso, e apenas devido ao novo contexto foi necessário repeti-lo.

A mesma objeção, aliás, torna a se apresentar marcadamente no caso de uma neurose da qual sabemos o fator ocasionador ("a cena traumática") e em que podemos ver como a pessoa se atásta de tal experiência e a abandona à amnésia. Retomo, à guisa de exemplo, um caso por mim analisado há muito tempo, no qual uma garota apaixonada pelo cunhado, estando junto ao leito de morte da irmã, é abalada pela seguinte ideia: "Agora ele está livre, pode se casar comigo". Esta cena é imediatamente esquecida e tem início o processo de regressão* que conduz às dores histéricas. É justamente insufrutivo, nessa história, ver por qual caminho a neurose busca resolver o conflito. Ela tira valor à mudança real, ao reprimir a exigência instintual em questão, ou seja, o amor ao cunhado. A reação psicótica seria recusar** o fato da morte da irmã.

RECUSA

2 Estudos sobre a histeria, 1895.

* *Regression*, no original. Na *Standard* inglesa, uma nota de James Strachey assegura que esse é o termo encontrado em todas as edições alemãs que ele consultou, e não *Verdrängung* ("repressão"); e também o que se acha na *Studienausgabe*, posterior à *Standard*.

** "Recusar": *verleugnen* — nas traduções estrangeiras: *negar*, *desmentir*, *rimnegare*, *dénier*, *a disavowal*, *loochenen* [equivalente ao alemão *leugnen*, "negar"].

Poderíamos esperar que no surgimento da psicose ocorresse alguma coisa análoga ao processo que se verifica na neurose, naturalmente entre outras instâncias.

Ou seja, que também na psicose fossem visíveis dois estágios, dos quais o primeiro arrancaria o Eu da realidade, dessa vez, enquanto o segundo tenderia a corrigir o dano e restabeleceria a relação com a realidade à custa do Eu. Realmente, algo análogo pode ser observado na psicose; também nela há dois estágios, dos quais o segundo comporta o caráter de reparação, mas logo a analogia dá lugar a uma convergência bem maior dos dois processos. O segundo estágio da psicose visa também compensar a perda da realidade, mas não à custa de uma restrição do Id — como, na neurose, à custa da relação com o real —, e sim por uma via mais autônoma, pela criação de uma nova realidade, que não depende a mesma objeção que aquela abandonada. Logo, tanto na neurose como na psicose o segundo estágio é conduzido pelas mesmas tendências, nos dois casos ele serve às aspirações de poder do Id, que não se deixa coagir pela realidade. Tanto a neurose como a psicose são expressão da rebelião do Id contra o mundo externo, de seu desprazer ou, se quiserem, de sua incapacidade de adequar-se à necessidade real, à *Avótμη* [necessidade]. Neurose e psicose diferenciam-se muito mais na primeira reação, que as introduz, do que na tentativa de reparação que lhe segue.

A diferença inicial se exprime então no resultado final: na neurose uma porção da realidade é evitada mediante a fuga, enquanto na psicose é remodelada. Ou

Dois momentos de repressão de poder do Id nos primeiros momentos da psicose

Aspirações de poder do Id

Poder do Id nos primeiros momentos da psicose

Forma de fuga

podemos dizer que na psicose a fuga inicial é seguida de uma ativa fase de remodelação, e na neurose a obediência inicial é seguida de uma posterior tentativa de fuga. Ou, de outra maneira ainda: a neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela; a psicose a nega e busca substituí-la. Chamamos de normal ou "sadio" o comportamento que une certos traços de ambas as reações, que nega a realidade tão pouco como a neurose, mas se empenha em alterá-la como a psicose. Essa conduta adequada aos fins, normal, leva naturalmente a um trabalho efetuado no mundo exterior, e não se limita, como na psicose, a mudanças internas; já não é autoplástica, mas aloplástica.

Na psicose, a remodelação da realidade acontece nos precipitados psíquicos das relações até então mantidas com ela, ou seja, nos traços mnemônicos, ideias e juízos que dela foram adquiridos até então, e pelos quais ela era representada na vida psíquica. Mas essa nunca foi uma relação fechada, sempre foi continuamente enriquecida e transformada por novas percepções. Assim, também a psicose depara com a tarefa de obter percepções tais que correspondam à nova realidade; o que é feito, do modo mais radical, pela via da alucinação. Quando, em muitas formas e casos de psicose, os lapsos de memória, delírios e alucinações mostram caráter bastante grave e se ligam ao desenvolvimento de angústia, isto é sinal de que todo o processo de transformação se realiza contra violentas forças opostas. Podemos construir o processo com base no exemplo da neurose, por nós conhecido. Nele vemos que se reage

com angústia a cada vez que o instinto reprimido faz um avanço, e que o resultado do conflito é apenas um compromisso, imperfeito como satisfação. Na psicose, provavelmente a porção rechaçada da realidade volta sempre a importunar a psique, como faz na neurose o instinto reprimido, e por isso as consequências são as mesmas em ambos os casos. Uma tarefa ainda não aco-meida pela psiquiatria especializada é o exame dos diferentes mecanismos que, nas psicoses, devem produzir o distanciamento da realidade e sua reconstrução, assim como o grau de êxito que podem alcançar.*

Uma outra analogia entre neurose e psicose, portanto, consiste em que nas duas a tarefa realizada no segundo estágio malogra parcialmente, na medida em que o instinto reprimido não consegue arranjar um substituto integral (neurose) e aquilo que representa a realidade** não pode ser verificado em formas satisfatórias (não, pelo menos, em todas as formas de doença psíquica). Mas a ênfase não é a mesma nos dois casos. Na psicose ela cai totalmente no primeiro estágio, que é em si patológico e

* "Assim como o grau de êxito que podem alcançar": no original, *sowie des Ausmaßes von Erfolg, das sie erzielen können*. Esse trecho é omitido na versão de López-Ballesteros e na *Standard* inglesa. Na primeira isso não causa espêcie, pois a antiga tradução espanhola está eivada de erros e omissões; na segunda é surpreendente, pois um "cochilo" é algo raro na edição de Strachley.

** "Aquilo que representa a realidade": *die Realitätsvertretung*. As versões consultadas dizem: *la representación de la realidad, la subrogación de la realidad, il rimpiazzamento della realtà, ce qui représente la réalité, the representation of reality, de verangting [substituição] van de realiteit*. Ver nota a "Neurose e psicose", neste volume, p. 178.

pode levar apenas à doença; na neurose cai no segundo, no fracasso da repressão, enquanto o primeiro pode ser sucedido, tendo-o sido muitas vezes no âmbito da saúde, embora não sem pagar um preço e deixar traços do dispendio psíquico exigido. Essas diferenças, e talvez muitas outras, resultam da distinção topográfica na situação inicial do conflito patogênico — se o Eu, nela, cedeu à sua fidelidade ao mundo real ou à sua dependência do Id.

Por via de regra, a neurose se contenta em evitar a porção da realidade em questão e proteger-se do encontro com ela. A diferença aguda entre neurose e psicose, no entanto, é diminuída pelo fato de também na neurose haver tentativas de substituir a realidade indesejada por outra mais conforme aos desejos. Isto é possibilitado pela existência de um mundo da fantasia, de um âmbito que foi separado do mundo externo real quando da introdução do princípio da realidade, desde então é conservado livre das exigências da vida, à maneira de uma “reserva”, e, embora não seja inacessível ao Eu, é ligado frõuxamente a este. Desse mundo da fantasia a neurose retira o material para suas novas construções de desejo,* achando-o geralmente pelo caminho da regressão a um passado real mais satisfatório.

* “Novas construções de desejo”: *Wunschneubildungen*. O termo alemão é composto de três palavras: *Bildungen*, “formações”; *neu*, “novo”; e *Wunsch*, “desejo” (no sentido de voto ou anelo, não de desejo sexual; equivalente ao inglês *wish*). As versões consultadas apresentam: *nuevos productos operativos*, *neoformaciones de deseo*, *neoformazioni di desiderio*, *nouvelles formations de désir*, *new wishful constructions*, *nieuwe wensvormingen*.

Difícilmente se duvidará que na psicose o mundo da fantasia tem o mesmo papel, que também nela constitui o armazém do qual é extraído o material ou o modelo para construir a nova realidade. Mas o novo mundo exterior fantástico da psicose pretende se pôr no lugar da realidade externa, enquanto o da neurose, tal como o jogo das crianças, apoia-se de bom grado numa porção da realidade — uma diferente daquela de que foi preciso defender-se —, dá-lhe uma importância especial e um sentido oculto, que, de maneira nem sempre correta, chamamos de simbólico. Assim, tanto para a neurose como para a psicose há a considerar não apenas a questão da perda da realidade, mas também de uma substituição da realidade.